

UNICAMP

EVENTO: Entrevista MICHEL REDOLFI

VEÍCULO: Diário do Povo (Campinas - SP)

DATA: 20 de outubro de 1993

PÁGINA: 01

SEÇÃO: ARTE/LAZER



Campinas, quarta-feira, 20 de outubro de 1993

Diário do Povo

Arquivo



Reprodução

Vídeo

O filme policial "Testemunha Ocular", estrelado por Joe Pesci, chega as locadoras da cidade

Página 2

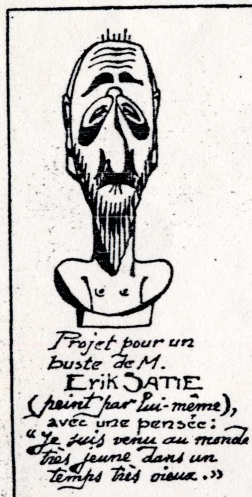
Televisão

MTV estreia "Territory", primeiro videoclip do novo disco da banda brasileira Sepultura

Página 3

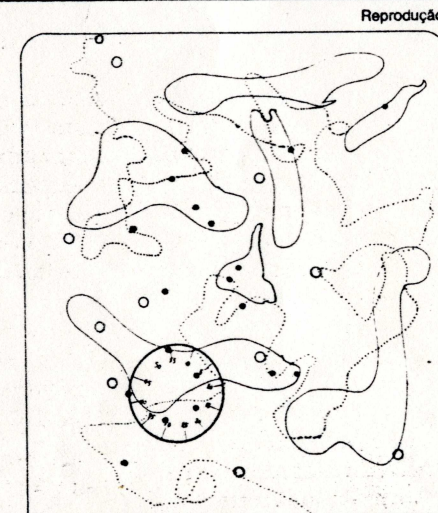


Dono de um humor muito particular, o compositor Eric Satie fez seu auto-retrato como sugestão para um busto



Reprodução

MÚSICA IMPOPULAR



Reprodução

Os labirintos sonoros de John Cage



Reprodução

O compositor francês Michel Redolfi vê uma luz no túnel pouco entendido em que se lançou a vanguarda musical erudita neste século. A ruptura com o passado, para ele, trouxe momentos radicais, distantes dos ouvidos do público, acostumados com o sobe-desce das notas nas escalas tradicionais. Hoje, para ele, a militância radical é uma espécie em extinção na chamada Música Nova. Redolfi acredita num retorno ao som, em detrimento da forma, fundada em experimentações.

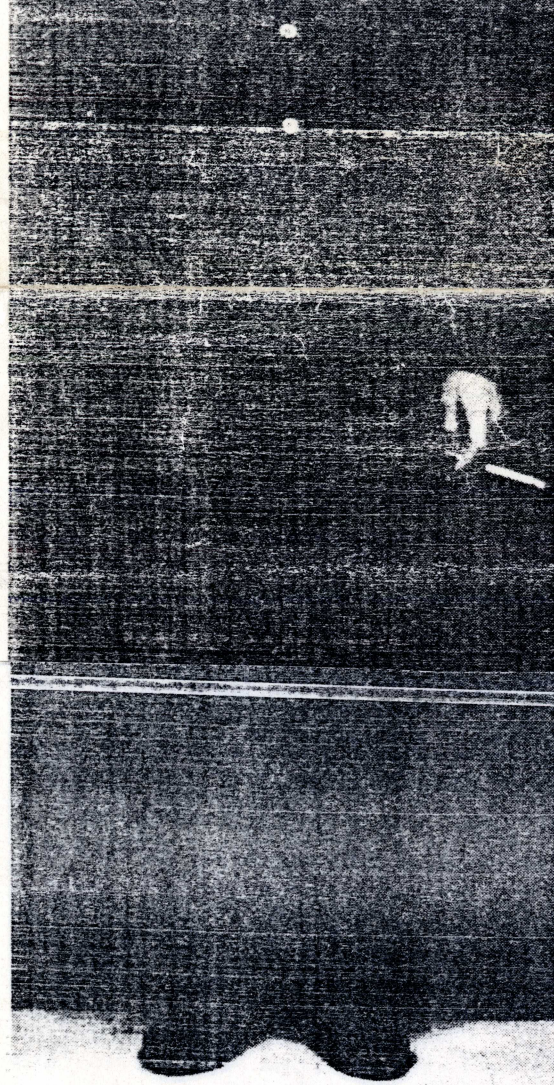
Como compositor, ele quer estreitar a distância entre a obra e o público. Já compôs peça pouco ortodoxa, como a subaquática Crysallis, apresentada em uma piscina aquecida a 33 graus. O público veste roupa de banho e ouve como peixe — embaixo da água o ouvido não funciona e os sons são captados pela estrutura óssea da nuca.

Seu maior sucesso na França foi o livro-laser Jungle, lançado segunda-feira na CD Station, junto com Crysallis e Redolfi: Appel D'Air. Antes de partir para Porto Velho para novas "fotografias sonoras" da floresta, Redolfi falou ao Diário.

Bases estão nas vanguardas musicais do século passado

As bases para a chamada Música Erudita Contemporânea surgiram com as vanguardas musicais ainda no final do século passado. Tinham por objetivo se distanciar da atmosfera romântica que dominava as formas de composição até então. Com muito humor, Erik Satie abala os clássicos "eruditos" com peças de poucos segundos de duração, e, junto com Debussy dá início a uma ruptura sem precedentes na história da música. Mas é Schonberg quem destrói definitivamente a tradição musical européia, criando o sistema

Dodecafônico de composição



John Cage é um dos papas do gênero

CD Station possui catálogo só com títulos do gênero

Michel Redolfi esteve em Campinas, segunda-feira, lançando os trabalhos *Jungle*, *Nauseca* e *Crysallis*, a obra subaquática. O lançamento aconteceu na CD Station, loja que mantém convênio com o CDMC (Centro de Documentação da Música Contemporânea) da Unicamp para comercialização de títulos de compositores contemporâneos franceses. A loja é a única no Brasil a manter um catálogo do gênero musical.

Além dos três títulos lançados segunda-feira, disponíveis na loja, Michel Redolfi tem ainda o homônimo *Redolfi* e o livro-laser *Berceuses*, para encomenda. *Berceuses* significa canções de ninar e é formado com músicas de vários compositores, entre eles, John Cage, um dos papas da Música Erudita Contemporânea — o CD acompanha um livro de ilustrações. Estes títulos precisam de encomenda e o preço médio está em US\$ 12,00.

O convênio entre CDMD e CD Station existe há quatro meses e conta ainda com um catálogo de compositores franceses que pode ser consultado para encomendas.

(A N)

ARAY NABUCO

Diário — Algumas pessoas dizem que a Música Nova é pouco palatável. De que forma ela pode escapar deste estigma?

Redolfi — A pergunta é feita pelo público e a resposta deve ser dada pelos compositores. A complexidade nunca impediu o contato com o público. O que impede é a falta de comunicação. Stravinsky, Varèse, Pierre Henry são compositores que se não tivessem tido a projeção junto ao público, não teriam o sucesso que tiveram. É uma questão difícil, mas existem realizações musicais muito voltadas para a construção de um sistema formal consistente, que acaba se sobrepondo à relação acústica da música. A obra perde sua dimensão humana.

Diário — O que impede a comunicação com o público?

Redolfi — Não posso responder pela composição dos outros. Eu procuro sempre uma relação mágica, baseada no prazer musical. A estréia francesa de *Mata Pau* (peça composta com gravações feitas no Pantanal Matogrossense, apresentada num estádio de baseball cujos cenários reproduziam a floresta) foi recebida com espanto. Não compreenderam direito o que estava acontecendo.

Diário — A Música Nova é vítima de suas conquistas formais?

Redolfi — Depende do repertório. A Eletroacústica é uma que sempre tratou o som plasticamente, num continuum e permanece isso até hoje, sem a necessidade de fazer prevalecer a forma, porque valoriza o som. A Música Nova tem um momento duro, de ruptura da tradição e é seu momento mais radical. Tem um pequeno grupo de compositores que abusa desse estatuto para fazer passar uma coisa muito personalizada e difícil. Mas é uma espécie em extinção. Agora que já encontraram o caminho, vai muito melhor.

Diário — A Música Nova também é tida como a menos executada, embora contemporânea...

Redolfi — É um problema econômico. O investimento em Mozart rende, primeiro, porque não é preciso pagar o compositor e segundo, porque já é conhecido. Mas no tempo dele, a história era bem outra...

Diário — Na sua opinião, qual a tendência do gênero neste final de século?

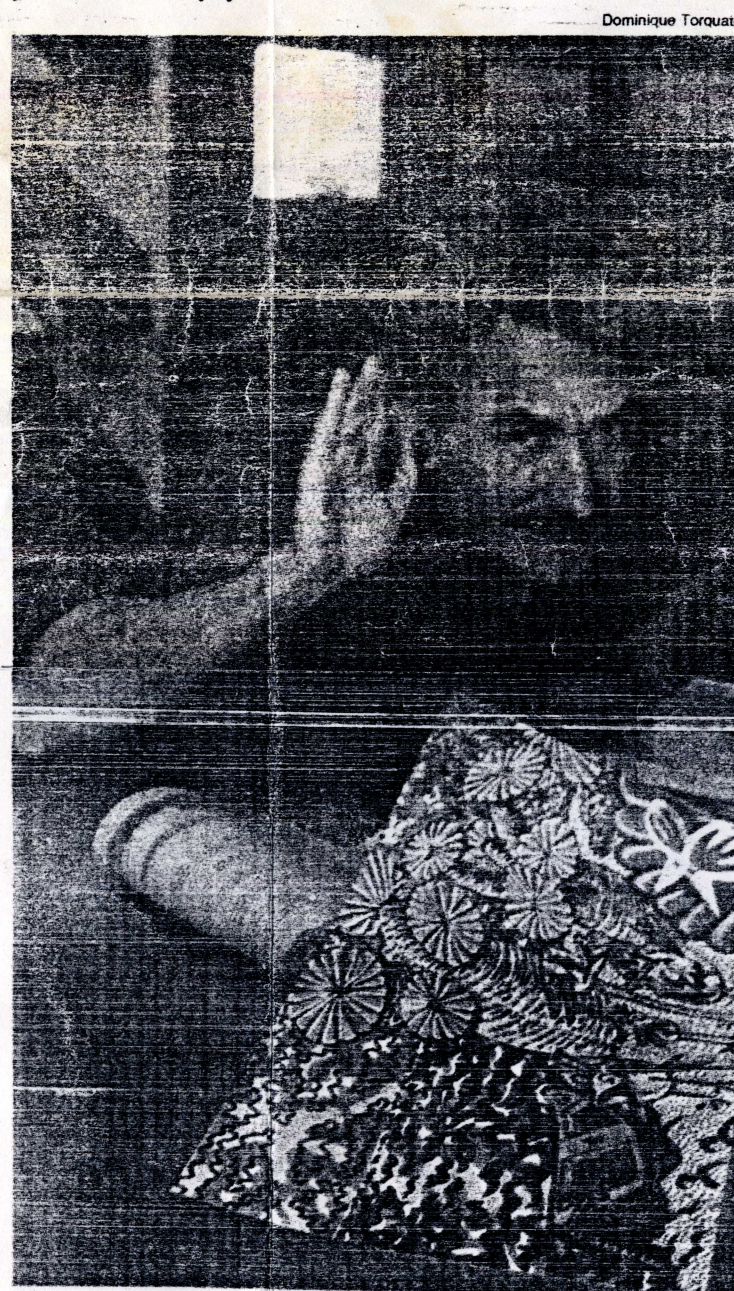
Redolfi — O importante é estreitar a distância entre a música e o ouvinte.

Diário — Qual o papel das novas tecnologias nessa tendência?

Redolfi — O aparecimento do CD permitiu um contato imediato e sensorial com o som. Antes dele, a música podia ter um ótimo esqueleto e som, mas na gravação só aparecia um ótimo esqueleto. O CD favorece todos os que trabalham na linha de valorização do som. Na França tem um grande número de músicas editadas em CD, relançamentos e reedições. Hoje ouço Webern como música ambiente.

Diário — Você se preocupa com a ecologia em *Mata Pau* e *Jungle*...

Redolfi — Não faço um trabalho ecológico. Meu trabalho não tem por objetivo a atuação política com o assunto. Se a gente pegar o trabalho



O francês Michel Redolfi faz música eletroacústica

com a selva, com a água, isso se resume em um trabalho com a natureza, que muitos compositores não exploram porque acham que o natural é muito "naif". Esse aspecto ingênuo e fácil da natureza não impediu o meu trabalho, nem a qualidade dele, porque usei esse aspecto como linha direta de comunicação com o público. Isso é uma visão completa do ouvinte, que compreende tanto a sua situação como espectador auditivo, quanto corporal, vivendo no seu corpo as impressões estéticas: nós somos corpos num planeta com água, terra etc, e a experiência corporal faz parte de nós. A maioria dos compositores não têm a preocupação de tomar o ser de maneira completa. Para mim, o público não é só uma cabeça bem vestida.

Diário — Então, o quê o levou à floresta?

Redolfi — Primeiro foi porque eu procurava um lugar incomum para desenvolver um trabalho. Depois que ouvi e gravei, pensei: tudo é muito bonito, mas até quando vai durar? Per-

Dominique Torquato

doceafônico de composição — livre uso de semitons. Já no início deste século, Stravinsky arregala os olhos do público mostrando sua *Sagração da Primavera*, onde usava várias tonalidades na mesma obra.

A ruptura não tinha mais retorno e novas idéias e compositores começaram a surgir, preocupados em reordenar a formação tradicional de orquestras, explorar sonoridades que até aí não passavam de barulhos ou reinventar o uso de instrumentos como John Cage fez com seu "piano preparado". Cage também introduziu no cenário a "música aleatória". Além dele, Charles Ives, Paul Varese e Villa-Lobos no Brasil, entre outros, afirmavam a tendência contemporânea.

O desenvolvimento tecnológico a partir da Segunda Guerra, colocou em cena nomes como Stockhausen e sua música eletrônica, enquanto Pierre Schaffer iniciava a chamada música Concreta. A união das tendências concretistas, aleatória e eletrônica, resultou mais tarde, na música Eletroacústica, da qual Michel Redolfi é um dos exemplos.

Atualmente, a Europa vive nova tendência no gênero, denominada música espectral, composta a partir de espectros sonoros. (AN)

cebi então, que o projeto poderia ter, inclusive, um desdobramento ecológico, porque fiz uma abordagem doce e fiel do meio ambiente. Minha obra é um testemunho, um documento. As primeiras peças feitas com o material da floresta tinham um equilíbrio entre sons naturais e sintetizados. Mas cada vez mais fui empregando sons naturais. Em *Mata Pau*, meu último espetáculo, não tem nada mais do que sons naturais e a voz do cantor.

Diário — Porquê escreveu uma peça subaquática?

Redolfi — Estava procurando um trabalho num meio que fosse sensitivo, estético e imediato e a água permite isso. Durante toda a evolução da humanidade, existe uma relação entre o som e a água. Eu sempre tentei obter materiais sonoros de tal forma que sejam quase reais, que você, ao ouvi-los, pudesse tocá-los. Então tento colocar as pessoas envolvidas pelo som.